



Apresenta:

Gestão de
VALOR

Patrocínio:

FIESC

Apoio:



INOVAÇÃO PARA O PEQUENO AGRICULTOR

PROJETO DO BANCO MUNDIAL pretende facilitar a chegada de tecnologia verde no campo em Santa Catarina. Programa pioneiro, que já recebeu US\$ 300 mil, quer estimular a eficiência na produção rural com impacto ambiental reduzido

LARISSA LINDER
ESPECIAL

Inovação em agronegócio não é só coisa de grande produtor de soja. A agricultura familiar também demanda investimentos e deve ser contemplada. A dificuldade está em fazer com que as inovações cheguem a esses pequenos produtores. Por isso, o Banco Mundial (Bird) e o governo do Estado trabalham em conjunto em um projeto para aproximar empresas desenvolvedoras de tecnologias da agricultura familiar.

— As técnicas desenvolvidas para o campo são quase todas voltadas para o agricultor de grande porte. É preciso adaptar o que existe à realidade do pequeno produtor — diz Diego Arias, economista do Banco Mundial que está à frente do projeto.

Santa Catarina tornou-se destino pioneiro do projeto no mundo. De acordo com o Bird, a escolha se deu porque o Estado é um local que obteve sucesso em várias experiências nesse setor. O Banco Mundial financia e dá assistência técnica, além de apoiar o governo catarinense na coordenação e na implementação do projeto.

Para esta primeira fase, chamada exploratória, o orçamento é de US\$ 300 mil. A etapa, que começou neste ano e segue até 2017, compreende conversas com os produtores e estruturação do programa. Países da União Europeia, além de Reino Unido e Austrália, são os financiadores. Se tudo correr conforme o planejado, a expectativa é que o projeto esteja pronto em julho de 2017.

O vice-presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado (Fetaesc), Adriano da Cunha, concorda que falta acesso dos pequenos a novas tecnologias. Ele, que também é pequeno produtor, defende, no entanto, que os agricultores têm consciência da necessidade e da importância em investir em inovação.

— Na minha visão, o produtor sabe que a tecnologia é importante. O que falta é o Estado fazer o papel de facilitador. Não há caminhos para o pequeno. Se eu quiser usar energia solar na pequena propriedade, vou ter que parcelar R\$ 80 mil em 10 anos. Agora, se for para construir uma grande usina solar, o BNDES dá dinheiro na hora — diz Cunha.

O pesquisador Elcio Figueiredo, da Embrapa Suínos e Aves, relata um exemplo de como o pequeno produtor tem dificuldade para acessar inovações. Um suinocultor que queira, ele mesmo, processar a carne de porco e produzir embutidos não tem como abater o animal dentro das exigências sanitárias exigidas pela legislação. Para este problema, a própria Embrapa desenvolveu uma solução: um abatedouro modular, específico para o pequeno empreendedor rural.

No caso do projeto do Banco Mundial, contudo, o objetivo é também estimular o setor privado a produzir essas inovações. E não pode ser de qualquer tipo: o pressuposto do Bird é que os agricultores familiares usem tecnologias verdes, que geram menos impacto ambiental negativo e aumentam a eficiência da produção e a renda do agricultor. Essas tecnologias vão das placas solares ao uso de *drones*.

— Para saber o que funciona, nos próximos meses vamos começar a fazer encontros entre desenvolvedores de tecnologia e agricultores em cidades do interior de Santa Catarina. Muitas empresas têm, por exemplo, um engenheiro aeronáutico, mas não um agrônomo. Os agricultores serão ouvidos para entendermos suas necessidades — afirma Arias, do Bird.

AÇÃO FAZ PARTE DO SC RURAL

A parceria entre Banco Mundial e governo catarinense deve funcionar como um braço da segunda fase do SC Rural, que ainda depende de aprovações, inclusive do governo federal, para ser implementada a partir de 2017. A primeira edição do programa começou em 2010 e se encerra neste ano. Trata-se de um projeto multidisciplinar para impulsionar a agricultura familiar catarinense, financiado também em parte pelo Banco Mundial.

Para o secretário-executivo do SC Rural, Júlio Bodanese, o objetivo é viabilizar tecnologias que sejam economicamente acessíveis aos pequenos agricultores catarinenses:

— É preciso que seja viável inclusive nesse sentido, algo que ele seja capaz de adquirir com seus próprios meios.

“

As técnicas desenvolvidas para o campo são quase todas voltadas para o agricultor de grande porte. É preciso adaptar o que existe à realidade do pequeno produtor. O que estamos explorando é como promover a comercialização de tecnologias verdes para agricultura familiar em Santa Catarina nas empresas. Muitas saem da Embrapa e da Epagri, mas é importante estimular também o setor privado

DIEGO ARIAS

Economista do Banco Mundial

A ORIGEM DO ALIMENTO

O alimento produzido no mundo tem 70% de origem na agricultura familiar, segundo dados de 2014 da FAO/ONU.

70%

Em Santa Catarina, 70% dos alimentos vêm dessa modalidade de acordo com o Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola.

180 MIL

pequenos produtores atuam em Santa Catarina, Estado em que quase 7% do PIB vem do setor agrícola.

FONTE: CEPA 2014, 2016 E IBGE



Alexandre Lerípio e Daiana Censi Lerípio da Sumá: startup quer conectar agricultores com nutricionistas das escolas

Tecnologia garante a qualidade da merenda

Em tempos em que a merenda escolar tem aparecido no noticiário nacional por motivos não muito nobres, um grupo de pesquisadores da Univali, em Itajaí, lança uma plataforma online pela qual será possível, por exemplo, que o pai de um aluno saiba o cardápio da semana, quem são e onde estão os produtores dos alimentos.

A plataforma, chamada Sumá, tem o objetivo de conectar demanda e oferta, num processo transparente de fornecimento de merenda. De um lado, os agricultores familiares se cadastram e informam quem são, onde estão e o que estão produzindo. De outro, nutricionistas das escolas fazem cardápios tendo como base essas informações. Ao mesmo tempo, os pais têm acesso a essas informações quando quiserem.

A ideia partiu da provocação de um colega de um dos idealizadores, Alexandre Lerípio, que é professor e pesquisador da Univali, ao ver uma reportagem do Diário Catarinense em 2012. O texto denunciava um caso de contaminação em merenda escolar:

–Meu amigo comentou: poxa, você que já fez tanta coisa dentro da agricultura familiar, não consegue achar uma solução para isso?.

Embora algumas partes do Sumá já tenham sido testadas, o projeto-piloto deve ser lançado em julho. Lerípio espera que a prefeitura de Itajaí seja a primeira parceira.

A nutricionista Jaqueline Maffezzolli, que trabalha há um ano e oito meses na prefeitura de Itajaí, acredita que o projeto pode ajudar no

processo de elaboração dos cardápios, ainda que o município não tenha dificuldade de atingir a meta de 30% de compra de agricultores familiares exigida por lei. Hoje, três nutricionistas administram 115 unidades escolares em Itajaí, de creches a educação de jovens e adultos (EJA).

– É uma forma também de termos alimentos mais frescos – ressalta.

Dados do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) de 2014 mostram que enquanto alguns municípios do Estado superaram a meta, como Jaraguá do Sul, com mais de 81% do orçamento de merenda destinado à agricultura familiar, outros, como Bom Jardim da Serra e Santo Amaro da Imperatriz, ficaram no zero.

AFINAL, O QUE É INOVAÇÃO?

Para o professor da Escola Politécnica da USP Mario Sergio Salerno inovação é um conceito econômico e social que se realiza no mercado.

Qual a diferença entre inovação e invenção?

Uma invenção é algo construído pela primeira vez, um protótipo. Um exemplo dado por Salerno é o avião, inventado por Santos Dumont. Ele fez o primeiro protótipo, mas não construiu uma indústria aeronáutica. A inovação precisa ser algo novo, mas que se realiza no mercado. É um conceito econômico. Por

isso, podemos dizer que Santos Dumont foi um inventor e a Embraer, por exemplo, é uma empresa inovadora.

Quais são os tipos de inovação?

O professor da UFSC Paulo César Esteves, do curso de Tecnologias da Informação e Comunicação, esclarece que de acordo com o manual de Oslo – criado pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) – há dois tipos de inovação:

Incremental, uma pequena modificação em um serviço ou produto que já existe;

Disruptiva ou radical, um produto totalmente novo, que não existia no mercado até então. A inovação também pode ser de produto, processo, modelo organizacional (o modelo fordista de linha de produção, por exemplo, foi uma inovação nesse setor), etc.

Inovação envolve, necessariamente, tecnologia?

Se pensarmos no conceito de tecnologia como “modo de fazer”, sim. O pão de queijo congelado, por exemplo, foi uma inovação: uma nova forma de vender um produto que já existia.